

**ARGUMENTAÇÃO EM CONTEXTO DIGITAL NO ECOSISTEMA *TWITTER*:
ESTRATÉGIAS TECNOLINGUAGEIRAS E FUNCIONAMENTO ARGUMENTATIVO
EM TUÍTES DO PERFIL @FOLHA**

*Eduardo Paré Glück**
eduardogluck@gmail.com
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

*Ananias Agostinho da Silva***
ananias.silva@ufersa.edu.br
Universidade Federal Rural do Semi-Árido

*Evandro de Melo Catelão****
evandrocatelao@professores.utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Resumo: Esta investigação visa analisar aspectos da tecnodiscursividade (Paveau, 2021) e da construção da argumentação (Amossy, 2017; 2018) em tuítes do perfil @folha selecionados com base em um recorte temático e temporal, em interface com a Linguística Textual (Cavalcante *et al.*, 2020, 2022). Teoricamente, a análise guiou-se por dois referenciais de base: a concepção ampliada de argumentação de Amossy (2017), pleiteando uma análise argumentativa que contemple parâmetros concernentes ao texto; e o empreendimento teórico-metodológico, direcionado para a descrição e análise de discursos digitais nativos, delineado por Paveau (2021) para a

* Doutorando em Linguística Aplicada, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, com bolsa integral CAPES/PROSUC. Mestre em Linguística Aplicada, pela UNISINOS (2019), com bolsa taxas CAPES/PROSUC. Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa, pela Universidade Paulista (UNIP) (2019). Graduado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literatura, pela UNISINOS (2017). Pesquisador integrante do grupo de pesquisa Comunicação da Ciência: Estudos Linguístico-Discursivos (CCELD), coordenado pela Profa. Dr^a. Maria Eduarda Giering. Investiga na área da Linguística Aplicada, principalmente nos seguintes temas: tecnodiscursividade, gêneros discursivos pré-digitais e digitais, análise semiolinguística do discurso, divulgação científica e argumentação.

** Professor Doutor adjunto da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, atuando no Departamento de Ciências Humanas, do Câmpus Multidisciplinar de Angicos. É professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), da associação ampla entre a Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. É também professor permanente do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Unidade de Pau dos Ferros, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

*** Doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2013). Pós-Doutor na área de Linguística Textual pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2017). É graduado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (2004) e possui Mestrado em Educação pela mesma instituição (2007). Professor do Magistério Superior da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campus Curitiba e Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - PPGEL no Campus Curitiba. Membro do Grupo de Pesquisa PROTEXTO (UFC). Desenvolve pesquisas na área de Linguística do Texto e do Discurso. Temas de interesse em pesquisas: gêneros do discurso pré e digitais nativos; argumentação com embasamento na retórica, na nova retórica, nas teorias discursivas da argumentação, nas teorias enunciativas e do texto. Membro do GTLTAC (Grupo de Trabalho Linguística de Texto e Análise da Conversação), ANPOLL.

Análise do Discurso Digital. Em confluência, acredita-se que o diálogo entre essas abordagens pode fornecer dispositivos relevantes para o analista investigar a complexidade de textualidades digitais que circulam em ecossistemas digitais, como o *Twitter* (hoje *X*). Amparada em uma abordagem qualitativa (Creswell, 2010), a análise dos tuítes gerados consistiu em: (i) geração dos dados para análise, na temática da política; (ii) descrição dos tuítes dos dados gerados a partir do ecossistema em que estão inseridos, o *Twitter*; (iii) identificação das estratégias tecnolinguageiras no perfil de @folha sobre essa temática, levando em conta categorias da Análise do Discurso Digital; e (iv) considerações acerca do funcionamento argumentativo dos tuítes em análise. A análise revelou que a @folha se vale, entre outros aspectos, da natureza compósita do tecnodiscurso, do fenômeno do tecnodiscurso relatado e do caráter dialogal da interatividade, permitido pelos retuítes e comentários, para apresentar fatos e embasar argumentos.

Palavras-chave: Tecnodiscursividade; argumentação; Linguística Textual; Ecossistemas Digitais.

1 Introdução

Desde a década de 1990, quando da publicação dos trabalhos de Jean-Michel Adam, na Europa, sobre as sequências textuais, categoria de análise fundamental do nível estrutural dos textos, a noção de argumentação intervém expressivamente na agenda de estudos da Linguística Textual, tanto pelo estudo da sequencialidade argumentativa quanto por outros aspectos no cerne de uma análise textual dos discursos proposta pelo autor. É certo que o autor não se refere à argumentação de modo geral, mas a um esquema de unidade composicional elementar em torno do qual alguns textos se organizam – os textos, prototipicamente, denominados de argumentativos. Mesmo assim, a partir de então, em interfaces com teorias retóricas, pragmáticas, semânticas e discursivas, diversos outros trabalhos desenvolvidos em Linguística Textual passaram a refletir sobre aspectos atinentes à argumentatividade dos textos, tratando da argumentação em nível mais geral ou no nível da organização pragmática da textualidade.

Todavia, apesar da produtividade desses estudos, conforme explicam Cavalcante (2016) e Cavalcante *et al* (2020), a argumentação não se constitui objeto de investigação da Linguística Textual. Nunca foi ambição dessa disciplina desenvolver um aparato teórico-metodológico capaz de estudar a argumentação em sua dimensão retórico-discursiva. À Linguística Textual, cabe descrever o texto, seu objeto de análise, o que implica considerar todo o conjunto de estratégias de organização textual que tornam um projeto de dizer, em alguma medida,

argumentativo. E, nesse sentido, a Linguística Textual pode contribuir para uma análise da argumentação, porque é na dimensão do texto que ela, de fato, se evidencia (Cavalcante *et al*, 2020). É em função dos arranjos textuais que o locutor age sobre o seu dizer e inscreve no discurso um ponto de vista na tentativa de influenciar seus prováveis interlocutores.

Nas interações mais cotidianas ou em ambientes digitais, em que os textos são caracterizados pela confluência de vários sistemas semióticos, mas também são profundamente influenciados pela interveniência da tecnologia, as estratégias de textualização por meio das quais o locutor delinea o seu projeto de dizer são tecnolinguageiras. Isso significa dizer que não somente o conjunto de dados verbo-visuais deve ser levado em conta como atinente aos arranjos textuais que o locutor elabora em seu expediente, mas todo o sistema em que o texto é produzido, ou seja, todo o conjunto de dados tecnológicos que dão contorno ao texto. Essa perspectiva ecológica e pós-dualista de linguagem (Paveau, 2021) tem orientado a Linguística Textual a conferir, hoje, na análise de textos em ambientes *on-line*, igual importância aos aspectos languageiros e tecnológicos, já que a linguagem, nesses ambientes, é sempre compósita, no sentido de ser indistintamente formada de matéria linguística e não linguística (Paveau, 2013).

Conduzindo-se por esses pressupostos, o presente artigo analisa textos produzidos em um ecossistema digital, o *Twitter* (recentemente renomeado como *X*). Essa metáfora é de Emerit (2016), para quem as redes sociais constituem verdadeiros ecossistemas digitais cuja organização particular influencia na dinâmica interacional dos usuários e na maneira como os textos são construídos. É em função das *affordances*, isto é, das potencialidades do ecossistema que o locutor elabora e inscreve estrategicamente a apresentação de seu ponto de vista nos textos. E isso é feito a partir de arranjos que imbricam recursos de linguagem e recursos tecnológicos. Por isso, este artigo busca particularmente analisar a construção da argumentação em tuítes do perfil @folha, selecionados com base em um recorte temático e temporal, focalizando a mobilização de estratégias tecnolinguageiras e o seu funcionamento textual-argumentativo, por exemplo, pelo uso de elementos lexicais ou referenciais na construção do ponto de vista.

Com esse delineamento, a análise será guiada por dois referenciais teóricos de base em interface: a Linguística Textual e a Análise do Discurso Digital. Na Linguística Textual, sobretudo a partir dos trabalhos desenvolvidos no grupo de pesquisa

PROTEXTO, como Cavalcante (2016) e Cavalcante *et al* (2019, 2020, 2022). Assumindo a concepção ampliada de argumentação de Amossy (2017), o grupo tem pleiteado que uma análise argumentativa não pode deixar de considerar parâmetros concernentes ao texto. De outro lado, na Análise do Discurso Digital, empreendimento teórico-metodológico delineado por Paveau (2013, 2017, 2021), direcionado para a descrição e análise de discursos nativos da *internet*. Em confluência, o diálogo entre essas duas abordagens pode fornecer dispositivos relevantes para o analista investigar a complexidade de textualidades digitais que circulam em ecossistemas como o *Twitter*.

2 Princípios da Análise do Discurso Digital

Em 2013, ao se debruçar sobre o discurso em contexto digital, a linguista francesa Marie-Anne Paveau desenvolveu a teoria da Análise do Discurso Digital (doravante ADD), a partir do conceito de simetria, cunhado pelo antropólogo, sociólogo e filósofo da ciência Bruno Latour (2012). Desse modo, Paveau (2013, 2021) concebe a ADD enquanto uma Linguística Simétrica. Para Latour (2012, p. 158), os objetos têm agência, que significa “estar associado de tal modo que fazem outros atores fazerem coisas”. Em vista disso, o pesquisador advoga o mesmo *status* e atenção aos atores humanos e não humanos.

A ADD apresenta-se enquanto uma abordagem pós-dualista e ecológica, isto é, que toma o ambiente de produção, o objeto, o sujeito e o ecossistema, e integra esses quatro elementos em simetria. Isso porque “os discursos digitais nativos não são de ordem puramente linguageira” (Paveau, 2021, p. 1). Nessa esteira, consoante Paveau (2021), as produções nativas digitais são co-constitutivas de linguagem e tecnologia, ou seja, há um *continuum* entre o verbal e o não verbal. Assim, em contexto digital, os elementos observáveis se compõem de natureza tecnolinguageira, e em um verdadeiro compósito.

Por essa razão, Paveau (2021, p. 1) nos esclarece que

os discursos digitais nativos não são de ordem puramente linguageira; [...] as determinações técnicas coconstroem as formas tecnolinguageiras, e [...] as perspectivas logo e antropocêntricas devem ser descartadas em prol de uma perspectiva ecológica e integradora, que reconhece o papel dos agentes não humanos nas produções linguageiras (Paveau, 2021, p. 1).

Por isso, diferentemente de pesquisas pré-digitais, que a constituem enquanto extralinguística, reconhecemos a tecnologia enquanto um elemento inerente ao discurso digital. Isso se dá pelo fato de o usuário, inserido em um ecossistema, determinar os caminhos e as possibilidades de interação para ele.

Ademais, para alicerçar sua teoria, Paveau (2017, 2021) desenvolve seis características que definem o tecnodiscurso, a saber:

- 1) **composição**: natureza indissociável entre matéria linguageira e matéria tecnológica das produções elaboradas e compartilhadas em contexto digital *on-line*;
- 2) **deslinearização**: possibilidade tecnolinguageira de conectar dois textos digitais por meio de um elemento clicável, como o *hiperlink*;
- 3) **ampliação**: enunciação aumentada devido à conversacionalidade da *Web*, ou seja, as postagens *on-line* são aumentadas por comentários, ou até mesmo por ferramentas de escritas que permitem uma enunciação coletiva, como o *Google Docs*.;
- 4) **relacionalidade**: relação com outros discursos devido à reticularidade da *Web*, além da relação entre os próprios aparelhos digitais, devido a sua natureza compósita, a qual produz enunciados em coprodução com a máquina;
- 5) **investigabilidade**: possibilidade de rastreio dos discursos por meio das ferramentas de busca, que os tornam encontráveis ou coletáveis;
- 6) **imprevisibilidade**: ação dos programas e algoritmos que, por intermédio de suas fórmulas matemáticas gerenciados com a máquina, manipulam forma e conteúdo dispostos em contexto digital.

Ao longo de nossa análise, essas características serão levadas em consideração, a fim de averiguar como o perfil @folha se apropria de aspectos da tecnodiscursividade (Paveau, 2021) em suas postagens no ecossistema digital *Twitter* para produzir sentido e alcançar seus interlocutores.

3 O funcionamento argumentativo dos textos

A argumentação é assumida neste trabalho a partir de uma perspectiva textual, nos limites do que vem sendo trabalhado pelo grupo Prottexto (Cavalcante, 2016; Cavalcante *et al*, 2019, 2020, 2022). Em sentido *lato*, tal abordagem se filia a uma

tradição retórica da argumentação, mas não se limita aos contornos de modelos de análise dela decorrentes. Assim, parte do dispositivo da Retórica Clássica e da Nova Retórica, sobretudo de noções fundantes, como auditório, *pathos*, *ethos*, técnicas argumentativas, mas reintegra-o a uma perspectiva discursiva, que considera o funcionamento dos discursos e os constrangimentos dos mais variados gêneros em que eles operam.

Essa abordagem, sensível ao contexto comunicacional, pretende o exame das estratégias de textualização por meio das quais o locutor busca influenciar seu interlocutor, num constante processo de negociação, sempre dialógico. Supõe que, ainda que exista uma lógica por trás dos argumentos que determinam a sua organização e a sua força argumentativa, é nos textos onde eles são efetivamente colocados e estabelecem a orientação do projeto persuasivo.

Tal perspectiva textual e discursiva da argumentação encontra eco nos trabalhos da analista de discurso francesa Ruth Amossy. Na tentativa de incorporar a argumentação ao discurso, como constitutiva dele, a autora alinha-se ao dialogismo bakhtiniano ao levar em conta a ideia de responsividade ativa, ou seja, a noção de que todo discurso responde sempre a um já dito, seja concordando, discordando, modificando etc. Sendo assim, toda vez que enuncia, toda vez que produz um discurso, o locutor-enunciador imprime nele um posicionamento, um ponto de vista que recupera outros discursos com os quais, de alguma forma, mantém relações. É nesse sentido que todo discurso é sempre direcionado para o outro – um outro discurso e, por extensão, um outro interlocutor – e, ao elaborá-lo, o locutor busca arranjar as estratégias que considera mais adequadas para alcançá-lo da maneira como pretende o seu projeto de dizer. E isso ele faz pelas vias do texto, em determinados quadros genéricos e institucionais.

O pressuposto do dialogismo assumido por Amossy (2008, 2016, 2017, 2018) reivindica o alargamento do conceito de argumentação tal como colocado pela tradição retórica. Enquanto na Nova Retórica a argumentação é compreendida como os meios pelos quais o orador busca provocar ou aumentar a adesão do auditório às teses que lhes apresenta (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996), em Amossy, a argumentação é tomada como os meios verbais que “uma instância de locução utiliza para agir sobre seus alocutários, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e opiniões que ela lhes oferece, ou simplesmente orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar um questionamento sobre dado problema”

(Amossy, 2018, p. 47). Por essa ótica, o orador (locutor) argumenta não somente quando estrutura raciocínios em torno de uma tese assertivamente explicitada, mas cada vez que, ao mobilizar recursos languageiros – e também do ambiente, como acrescentamos adiante –, orienta seus interlocutores quanto a uma maneira de pensar, de ver ou de sentir.

É sustentando essa concepção alargada de argumentação que a autora reclama a natureza necessariamente argumentativa de todo discurso – ainda que ela se manifeste de modos variados (Amossy, 2008). De fato, para Amossy (2018), a argumentação não é restrita a certas práticas sociais e discursivas em que o orador apresenta argumentos para destacar a validade de sua asserção mediante um auditório. Essa é uma das possibilidades que dispõe para argumentar. Quando apela para esses arranjos, ou seja, quando há uma estratégia programada de persuasão, um projeto explícito para construir a adesão à tese apresentada, o orador produz um discurso de visada argumentativa. Não obstante, muitas vezes, o orador apenas expressa um ponto de vista sobre as coisas, imprime sua expressão sobre um objeto ou evento, mas sem pretensão de modificar a posição de seu auditório. Trata-se do discurso de dimensão argumentativa.

Numa interface produtiva com esse conjunto teórico, a Linguística Textual brasileira (Cavalcante *et al*, 2020) tem pleiteado que, assim como acontece com o discurso, todo texto é, também, em alguma instância, argumentativo. O pressuposto defendido é de que a argumentação deve ser estudada no nível da textualidade, pois é no texto que o locutor mobiliza, em termos de *logos*, *ethos* e *pathos*, inúmeros expedientes que a língua(gem) e o ambiente dispõem para a elaboração de um projeto de dizer persuasivo dentro de dada prática discursiva convencionada em um gênero do discurso (Cavalcante, 2016). Nessa direção, se, por inspiração no postulado da argumentatividade inerente à linguagem, diz Amossy (2018) que a argumentação é constitutiva do discurso, pensamos com Cavalcante (2016) e Cavalcante *et al* (2020) que é na dimensão da textualidade que ela se evidencia. É no texto que a argumentação se expressa mais genuinamente.

Com efeito, a distinção de Amossy (2018) entre discurso de visada argumentativa e discurso de dimensão argumentativa pode ser ajustada para o nível da textualidade, de modo a reconhecer textos de visada argumentativa e textos de dimensão argumentativa. O ajuste não é meramente terminológico, mas opera um deslocamento dos critérios que caracterizam essa tipologia. Conforme explicam Silva

e Brito (2022), de um lado, a noção de visada argumentativa passa a ser identificada em função do arranjo configuracional dos textos, de sua organização em torno de uma sequência argumentativa dominante. É o que ocorre em textos de gêneros como o artigo de opinião, o debate político, a redação escolar do texto dissertativo. De outro lado, a dimensão argumentativa é percebida considerando as escolhas textuais que faz o locutor para lograr êxito com seu propósito comunicativo, o que implica considerar processos referenciais, intertextuais, a organização dos tópicos etc. Assim, todos os textos dos demais gêneros do discurso possuem uma dimensão argumentativa.

No âmbito desse novo quadro teórico, a clássica distinção tipológica que se fazia entre textos argumentativos e textos não-argumentativos se esvaece para dar lugar a uma abordagem modular da argumentação que considera diferentes modos pelos quais pode o locutor argumentar. Logo, um texto pode ser mais ou menos argumentativo, a depender de aspectos pertinentes à interação em que ocorre, como o gênero do discurso, os papéis assumidos pelos interlocutores, o propósito comunicativo pretendido e de todo o contrato de comunicação. Além disso, sobretudo o modo pelo qual ocorre a tentativa de influência ou persuasão/convencimento do interlocutor determina o grau de argumentatividade de um texto. Sendo assim, o locutor que apela para as emoções do interlocutor na intenção de obter adesão à sua tese, como faz o advogado perante um júri, arranja uma argumentação que parece apresentar muito mais argumentatividade do que aquela presente em um manual técnico de instalação – claro que somente uma análise empírica poderia comprovar esse aspecto.

Assumir esse pressuposto de que há argumentação em todo texto requer considerar que todo enunciado é orientado para determinadas conclusões com exclusão de outras (Koch; Elias, 2007) – ainda que isso se faça de modo declarado ou implícito. A orientação argumentativa do texto pode ser percebida em função das diferentes escolhas textuais pelas quais o locutor age sobre o seu projeto de dizer, que é a todo momento reelaborado, negociado com seu interlocutor a fim de que a intenção persuasiva seja alcançada. Essa compreensão pode ser facilmente complementada com uma percepção de gerenciamento de ponto de vista particularizada pela observação dos elementos que seriam implicitamente ou explicitamente argumentativos em um texto.

Nesse sentido, admitimos que as próprias escolhas lexicais operadas por um locutor/enunciador são também direcionadoras dos objetos de discurso. Um ponto de vista é acionado em toda forma de predicação, seja ela textual ou multissemiótica, uma vez que uma forma de discurso ou um modo de gerenciar vozes é usado em detrimento de outro pelo locutor. Assim, reforçamos a ideia de que, mesmo quando não houver um julgamento explícito por uma das partes em dada interação, se está argumentando.

Dessa forma, todo o arranjo configuracional do texto – o que inclui desde a acomodação a um dado gênero do discurso à maneira como as sequências são dispostas no plano de texto –, a seleção lexical – e todo o seu funcionamento textual-discursivo decorrente de dinâmicos processos referenciais e de estratégias de progressão textual –, os jogos intertextuais e tantas outras estratégias de textualização são parâmetros que os interlocutores agenciam para imprimir nos textos certos graus de argumentatividade.

4 Procedimentos metodológicos

Na presente pesquisa, os dados gerados consistem em tuítes de caráter opinativo realizados pela Folha de São Paulo (@folha), no até então *Twitter*¹. Nesse sentido, buscamos dar conta de um tópico de discussão na temática da política, mediante a *hashtag* #opinião. Os tuítes foram postados no dia 18 de janeiro de 2023, um dia anterior à geração dos dados. Desse modo, os dados foram gerados no dia 19 de janeiro de 2023, às 8h, pelo computador do pesquisador autor, via *Twitter*.

Tendo em vista o fluxo de publicação no ecossistema digital *Twitter*, neste estudo, procuramos dar conta, à luz de Moirand (2020), de um instante discursivo. Isso porque, ao tratar da extensão de *corpora* em ambiente digital, a referida linguista defende que o analista de discurso digital possa realizar seu estudo a partir do que ela denomina “pequenos *corpora*”. Para Moirand (2020, p. 21), os pequenos *corpora* “possibilitam descrever as formas discursivas, raras ou não estabilizadas ainda, [...] bem como as relações entre a linguagem verbal e o mundo (o ambiente, os objetos, os atores e suas ações)”.

¹ Embora o atual dono do *Twitter*, Elon Musk, tenha anunciado, em 24 de julho de 2023, a implementação do nome *X* à rede social (GZH, 2023), optamos por deixar a nomenclatura anterior, *Twitter*, visto que, na geração dos dados, em 18 de janeiro de 2023, esse era o nome da plataforma.

Segundo Glück (2024), em seu estudo, Moirand (2020) desenvolve a noção de *pequeno corpus* mediante três instâncias, a fim de buscar contemplar a atualidade de um acontecimento na *Web*. São eles: (i) acontecimento discursivo; (ii) momento discursivo; e (iii) instante discursivo. Tais instâncias possibilitam, conforme a pesquisadora, um recorte de *corpus* coerente.

Neste estudo, o acontecimento discursivo refere-se à temática ampla da política, ao passo que o momento discursivo concerne aos tuítes postados pela @folha. Por fim, o instante discursivo consiste nos tuítes gerados para análise, os quais dizem respeito à opinião da @folha na temática da política.

A análise dos tuítes gerados consistiu nas seguintes etapas, elaboradas com base na proposta de Glück (2024): (i) geração dos dados para análise, na temática da política; (ii) descrição dos tuítes dos dados gerados, a partir do ecossistema em que estão inseridos, o *Twitter*; (iii) identificação das estratégias tecnolinguageiras no perfil de @folha sobre essa temática, levando em conta as categorias da ADD desenvolvidas por Paveau (2021); e (iv) considerações acerca dos funcionamentos argumentativos utilizados nos tuítes em análise, à luz de Amossy (2017; 2018) e de Cavalcante *et al* (2020).

Além disso, tendo em vista que uma das etapas apresentadas acima consiste em identificar as estratégias tecnolinguageiras no perfil de @folha sobre essa temática (etapa 3), a presente pesquisa também se propõe a investigar o fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa no ecossistema *Twitter*. Em outras palavras, as diferentes vozes em cada fio enunciativo de cada tuíte, as quais são chamadas, consoante Glück (2024), de enunciador digital primeiro (Ed1) e enunciador digital segundo (Ed2).

Alinhados ao Glück (2024), reconhecemos o Ed1 como locutor – o enunciador digital primeiro – o tuiteiro, a exemplo do que nomeia Paveau (2016; 2021). Pela mesma razão, chamamos de Ed2 o enunciador digital segundo, o outro trazido no tuíte pelo elemento da deslinearização. Mais precisamente, Ed2 são os enunciadores digitais citados no tuíte por meio do *link*, os quais podem ser acessados e encontrados a partir do clique.

Apresentadas as etapas metodológicas, passamos à análise dos dados gerados para esta pesquisa.

5 Análise dos dados

Nesta seção, apresentamos a análise dos tuítes gerados para esta pesquisa. Salientamos que, para fins desta investigação, selecionamos os dois primeiros tuítes que se sobressaíram na geração dos dados para observar aspectos relativos à tecnodiscursividade, consoante Paveau (2021), bem como seu funcionamento argumentativo, à luz de Amossy (2017; 2018) e Cavalcante *et al* (2020). Desse modo, mediante a *hashtag* #Opinião, os primeiros dois tuítes que obtiveram essa *hashtag* e cuja temática tratava de política foram gerados no dia 19 de janeiro de 2023, às 8h da manhã, via computador de autor.

A Figura 1, a seguir, exhibe o primeiro tuíte (Farias, 2023) gerado, no ecossistema em que se insere:

Figura 1: Tuíte n.1 de @folha



Fonte: Farias (2023).

Na Figura 1, na primeira parte do tuíte, visualizamos o ícone de perfil na parte superior da foto do jornal (seu *logo*, na cor azul, com a lexia Folha em caixa alta), bem como o nome da conta (Folha de S. Paulo), em conjunto com o selo amarelo disponibilizado pelo próprio ecossistema para indicar que se trata de uma conta oficial.

O texto verbal é iniciado pela *hashtag* #OPINIÃO, em caixa alta, seguida de um *emoji* composto por um lápis de uma folha. Abaixo do texto, uma fotografia, com as deputadas brasileiras Aniele Franco e Sônia Guajajara. No momento da geração de dados, o tuíte possuía 5 retuítos, 86 curtidas e mais de 12 mil visualizações.

No tuíte, deparamo-nos com uma marca de deslinearização, própria do tecnodiscurso (Paveau, 2021): um *hiperlink* em forma de imagem. Trata-se de uma hiperligação extradiscursiva, tendo em vista que ela se apresenta externamente ao texto verbal. Esse é um caso recorrente em discursos digitais nativos. Quando Paveau (2021) postulou os tipos de deslinearização, ela propôs o tipo semiótico, que diz respeito à combinação de elementos não verbais, como vídeos, imagens, sons etc. É o caso do *hiperlink* da imagem em questão, que remete o usuário ao ecossistema da Folha de São Paulo, com a matéria na íntegra.

Nessa ótica, Glück (2024, p. 67) defende que a deslinearização em *corpora* digitais nativos pode dar “origem ao fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa, uma vez que, por meio da inserção e do acesso ao *hiperlink*, observamos duas situações de enunciação (e seus respectivos enunciadores digitais) conectadas em um mesmo fio enunciativo.”. No caso do tuíte apresentado, a inserção desse elemento semiótico de deslinearização conecta duas situações de enunciação. No momento em que o usuário clica no *hiperlink*, ele é remetido a um discurso outro, em um outro ecossistema. Nesse caso, o usuário sairia do ecossistema *Twitter* e entraria no ecossistema do sítio eletrônico da Folha de São Paulo mediante o clique. Trata-se, portanto, de uma característica endêmica ao discurso digital nativo, o que é possível a partir da composição da linguagem com a tecnologia.

No que se refere à argumentatividade, ela aqui se expressa especialmente pela delimitação de um espaço dialógico entre pontos de vista anteriores, especialmente marcados pela interdiscursividade. A forma de gerenciamento e a intencionalidade do locutor/enunciador (Tom Farias) desse texto não se revela fruto de ato solitário, mas se organiza pela busca de engajamento de outros que pensam como ele e pelo resgate de discursos anteriores, reavaliação ou reposicionamento. Assim, orientado na direção de posicionar-se argumentativamente, problematiza posições preexistentes, especialmente marcadas por uma relação entre a “esperança por um país melhor” em detrimento de uma espécie de obscurecimento/desesperança de uma situação anterior (“Anielle e Sônia Guajajara acenam com esperança de um país melhor. O olhar certo do presidente Lula as guindou para duas áreas prioritárias”). Mesmo nesse caso em que parece não haver uma polêmica ou divergência declarada no sentido de “chamar para um embate”, há, ainda assim, uma problematização de posições.

No gerenciamento das vozes, essa posição do locutor/enunciador remete na primeira proposição a um também “aceno” na condução dos pontos de vista de Anielle e Sônia Guajajara. De forma não explícita, “a esperança de um país melhor” é atribuída como ponto de vista das enunciantoras e, em uma terceira proposição, é assumida por ele: “Anielle e Sônia Guajajara são a esperança de um país melhor”. Seu ponto de vista fica também expresso na segunda proposição (“O olhar certo do presidente Lula as guindou para duas áreas prioritárias”, que também alimenta argumentativamente a primeira, tanto pela marcação do “acerto” do presidente quanto pela indicação/valoração de áreas que seriam prioritárias. Outros elementos contidos no compósito trazem, de forma mais clara, que esses posicionamentos são, na verdade, acionados para a orientação argumentativa do discurso no sentido de marcar opinião, elemento também contido na tecnopalavra #OPINIÃO que também delimita, ou faz uma intertextualidade, com a seção de publicação do gênero artigo de opinião, até mesmo por abrir o texto, revelando um aspecto genérico da argumentação ou determinação de finalidade.

A seleção lexical e o processo de referenciação instaurado reforçam a condução argumentativa do texto na defesa desse ponto de vista. As anáforas “um país melhor”, na primeira proposição, e “o olhar certo” e “duas áreas prioritárias” na segunda produzem uma cenografia de positividade relativa ao ponto de vista, corroborada pela construção não verbal (imagética) dos referentes Anielle Franco e Sônia Guajajara – o punho fechado e erguido e a expressão facial sugerem ideais de felicidade e de esperança. Como lembra Pinto (2019), nos textos, os referentes são categorizados considerando as escolhas que operam os locutores/enunciadores em contextos de interação para alcançar propósitos persuasivos específicos. Nesse sentido, as anáforas construídas nas duas proposições revelam o direcionamento argumentativo pretendido pelo locutor/enunciador e conduzem o interlocutor a aderir ao ponto de vista proposto.

Dando continuidade à análise, há outro tuíte da sequência que nos permite observar a inserção de um enunciador digital segundo (Ed2) (citado pelo locutor principal) por intermédio de uma marcação do enunciador primeiro no tuíte (Ed1). Em outras palavras, @folha enquanto Ed1, marca um Ed2, a @flaviaboggio. Vejamos, a seguir, a Figura 2, que ilustra essa ocorrência, no segundo tuíte (Boggio, 2023) gerado.



Fonte: Boggio (2023).

Como podemos observar acima, trata-se, portanto, de um tecnodiscurso relatado, no qual é mencionada a colunista da Folha, Flávia Boggio (@flaviaboggio), a qual escreveu a matéria relatada no tuíte em análise, sobre o negacionismo patriota. Nesse cenário, para Paveau (2016, p. 6, tradução nossa),

O 'pedido de amizade' na rede do Facebook, por exemplo, passa pelo botão 'add', no qual basta clicar para produzir a declaração de convite, acompanhada (ou não) de uma mensagem escritural explícita. É o mesmo para o compartilhamento de enunciado de um ecossistema (por exemplo, um blog) para outro (por exemplo, rede Twitter), que se realiza num simples clique num botão de compartilhamento pré-instalado no site ou pelo escreteador mesmo em seu navegador. Esse fenômeno do tecnodiscurso relatado (Paveau, 2015) apaga a linearidade do discurso das citações para substituí-lo por um gesto de enunciação (Paveau, 2016, p. 6, tradução nossa).

Eis, consoante Paveau (2016), um gesto de enunciação, a partir do qual o usuário tem acesso ao ponto de vista do enunciador segundo (voz gerenciada pelo locutor/enunciador principal) trazido no tuíte. Diferentemente de *corpora* pré-digitais, no discurso digital nativo, a tecnodiscursividade permite trazer outrem no discurso citante a partir dos affordances² disponíveis naquele ecossistema, ou mesmo pelo uso de tecnopalavras como a marcação (@flaviaboggio) e o uso de #. Nesse caso, mais que no texto anterior, o uso da charge (um outro tipo de construção verbo-imagética

² Conforme Paveau (2015), a teoria de Affordances – conjunto de possibilidades – propõe uma descrição dos objetos na produção dos discursos. Trata-se dos ícones nos textos digitais, como palavras em negrito, sublinhadas etc.

comum nesse tipo de compósito, assim como são os memes, fotografias etc.) complementa anaforicamente o tópico introduzido, “negacionismo patriota”, no sentido de também ser atribuído a ele outro tipo de predicação “negacionismo e alucinação coletiva”. Trata-se de mais uma forma de construir sentidos entre os elementos do compósito ali presentes e, assim, orientar-se, semelhante ao exemplo anterior, como um discurso opinativo, lembrando uma operação de pré-tematização “Negacionismo patriota. Depois do negacionismo da ciência, brasileiros criam um outro negacionismo”.

De forma complementar e junto às possibilidades tecnológicas, esse texto verbo-imagético é também um ícone clicável, parte da interatividade com outros textos possibilitados pela própria plataforma. Ao clicá-la, a imagem amplia-se, remetendo o usuário à matéria na íntegra no ecossistema da Folha de São Paulo. Essa forma de organização e possibilidade de ampliação das informações sobre a temática também sinaliza uma forma de orientação argumentativa pela escolha de elementos do campo lexical. O recurso utilizado aqui se assemelha ao frequentemente apresentado na manchete, na tentativa de chamar atenção e remeter o leitor ao texto integral. Esse elemento acaba também por apontar, em ambos os casos, à planificação de texto com ajustes possíveis ao tipo de plataforma empregada e aos gestos tecnolinguageiros possíveis, emprego de textos multimodais, uso do comentário, ferramentas de compartilhamento, curtidas etc.

Nessa configuração, é interessante dar relevo à relação intertextual que se configura a partir da inserção do tecnodiscurso relatado (charge de @flaviaboggio) no tuíte do perfil @folha. A estratégia empregada funciona como uma citação direta, o que sugere um caso de intertextualidade explícita, ainda que não se verifique marcas verbais prototípicas de inserção de discurso direto, como verbos *dicendi*, por exemplo, muito frequentemente empregados em textos pré-digitais. A relação intertextual materializa-se em função das *affordances* do próprio ambiente digital e atua na construção da orientação argumentativa do texto, produzindo um efeito de crítica humorística. Nesse sentido, o ponto de vista do locutor/enunciador principal se constrói na relação intertextual que é estabelecida com o tecnodiscurso relatado, numa postura de concordância, como se coenunciassem.

Ainda que não seja necessariamente explicitada uma tese, mesmo se tratando de um texto de caráter opinativo, conforme depreende-se da #OPINIÃO, a construção da argumentação se faz precisamente pelo emprego de estratégias de textualização.

Além da relação de intertextualidade, destacamos a seleção lexical operada a partir dos processos referenciais que determinam a orientação do texto. A rede referencial construída em torno do referente negacionismo guia o interlocutor por um percurso que parte de um ponto de chegada (negacionismo patriota) e parece buscar persuadi-lo acerca do ponto de vista defendido pelo locutor/enunciador principal.

6 Conclusão

Após ter exposto a natureza e as configurações da tecnodiscursividade, bem como do funcionamento argumentativo em tuítes do perfil @folha no ecossistema *Twitter*, a análise revelou que a @folha se vale, entre outros aspectos, da natureza compósita do tecnodiscurso, do fenômeno do tecnodiscurso relatado e do caráter dialogal da interatividade, permitido pelos retuítes e comentários, enfim, recorre às *affordances* do ambiente para apresentar fatos e embasar argumentos.

Além disso, mesmo esse enquadramento com a plataforma, certos usos também revelam marcas de uma tentativa de planificação textual segundo padrões reconhecíveis pelo usuário, como marcação de seção (#opinião) ou tópico de interesse/discussão, uso de enunciados breves, mas com grande força argumentativa e enunciativa, com orientação principal de marcar uma opinião e, também, chamar a atenção do interlocutor. Recursos tecnolinguageiros da plataforma marcam certa intertextualidade, como observado com a manchete, assim como os comentários possíveis nesse ecossistema poderiam facilmente ser ligados à carta do leitor e assim por diante.

Isso nos remete a muitos outros questionamentos, pois uma vez coexistindo em outras bases e com outro tipo de interatividade da esfera jornalística, como poderíamos em LT definir esses novos padrões que parecem misturar gestos tecnolinguageiros com a forma de interagir propriamente humana. Mediante este trabalho, esperamos que a presente investigação possa contribuir para estudos linguísticos na temática da argumentação em contexto digital, sobretudo nos ecossistemas das redes sociais, como o *Twitter*.

ARGUMENTATION IN A DIGITAL CONTEXT IN THE TWITTER ECOSYSTEM: TECHNOLANGUAGES STRATEGIES AND ARGUMENTATIVE FUNCTIONING IN TWEETS FROM THE PROFILE @FOLHA

Abstract: This investigation aims to analyze aspects of technodiscursivity (Paveau, 2021) and the construction of argumentation (Amossy, 2017; 2018) in tweets from the @folha profile selected based on a thematic and temporal cut in interface with Textual Linguistics (Cavalcante *et al*, 2020, 2022). Theoretically, the analysis was guided by two basic references: Amossy's (2017) expanded conception of argumentation, calling for an argumentative analysis that includes parameters concerning the text; the theoretical-methodological enterprise aimed at the description and analysis of native digital discourses outlined by Paveau (2021) for Digital Discourse Analysis. In confluence, we believe that the dialogue between these approaches can provide relevant devices for the analyst to investigate the complexity of digital textualities that circulate in digital ecosystems, such as Twitter (currently X). Supported by a qualitative approach (Creswell, 2010), the analysis of the generated tweets consisted of: (i) generation of data for analysis, on the topic of politics; (ii) description of data tweets generated from the ecosystem in which they are inserted, Twitter; (iii) identification of technolanguage strategies on the @folha profile on this topic, taking into account the Digital Discourse Analysis categories; and (iv) considerations about the argumentative functioning of the tweets under analysis. The analysis revealed that @folha uses, among other aspects, the composite nature of technodiscourse, the phenomenon of reported technodiscourse and the dialogical character of interactivity, allowed by retweets and comments, to present facts and support arguments.

Keywords: Technodiscursivity; argumentation; Textual Linguistics; Digital Ecosystems.

Referências

AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. Coordenação de tradução Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, R. Argumentation et Analyse du discours: perspectives théoriques et découpages disciplinaires. *Argumentation et Analyse du Discours*, Tel-Aviv, n. 1, p. 1-18, 2008. DOI: <https://doi.org/10.4000/aad.200>. Disponível em: <http://aad.revues.org/index200.html>. Acesso em: 27 jun. 2024.

AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. Coordenação de tradução Eduardo Lopes Piris. São Paulo: Contexto, 2018.

AMOSSY, R. É possível integrar a argumentação na análise do discurso? Problemas e desafios. *ReVEL*, v. 14, n. 12, p. 165-190, 2016. Disponível em: <https://revel.inf.br/files/f563cecec4f8b46afefe57c45529d721.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2024.

BOGGIO, Flávia. *Negacionismo patriota*. São Paulo, 18 jan. 2023. Twitter: @folha. Disponível em: <https://twitter.com/folha/status/1615861692042301440>. Acesso em: 19 jan. 2023.

CAVALCANTE, M. M. Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. *ReVEL*, v. 14, n. 12, p. 106-124, 2016. Disponível em:

https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51413/1/2016_art_mmcavalcante.pdf. Acesso em: 27 jun. 2024.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* *Linguística textual e argumentação*. Campinas: Pontes Editores, 2020.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* *Linguística textual: conceitos e aplicações*. Campinas: Pontes Editores, 2022.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. *Revista (Con)textos Linguísticos*. Linguística Textual e Análise da Conversação: conceitos e critérios de análise, v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019.

Disponível em:

<https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27884/18764>. Acesso em: 27 jun. 2024.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Tradução Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

EMERIT, Laetitia. La notion de lieu de corpus: un nouvel outil pour l'étude des terrains numériques em linguistique. *Corela*, Poitiers, v. 14, n. 1, p. 1-28, 2016. DOI:

<https://doi.org/10.4000/corela.4594>. Disponível em:

<http://journals.openedition.org/corela/4594>. Acesso em: 30 abr. 2023.

FARIAS, Tom. *Anielle e Sônia Guajajara acenam com esperança de um país melhor*. São Paulo, 18 jan. 2023. Twitter: @folha. Disponível em:

<https://twitter.com/folha/status/1615863170429591556>. Acesso em: 19 jan. 2023.

GLÜCK, Eduardo Paré. A heterogeneidade tecnoenunciativa em um conjunto de tuítes reunidos pela hashtag #divulgaçãocientífica. Orientadora: Maria Eduarda Giering. Co-orientadora: Matilde Gonçalves. 2024. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação Doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

GZH. *Elon Musk inicia mudança do nome do Twitter para X*. 2023. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2023/07/elon-musk-inicia-mudanca-do-nome-do-twitter-para-x-clkgg5s2m00030154p8pe3doa.html>.

Acesso em: 10 nov. 2023.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e Compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LATOURE, B. *Reagregando o Social*. Bauru: EDUSC, Salvador: EDUFBA, 2012.

MOIRAND, S. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. Tradutores Fernando Curtti Gibin & Julia Lourenço Costa. *Revista Linguagem*, São Carlos, v.36, [S.l.], p. 20-41, jul./dez. 2020. Disponível em:

<https://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/826/476>.

Acesso em: 27 jun. 2024.

PAVEAU, M.-A. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Organização Julia Lourenço Costa, Roberto Leiser Baronas. 1. ed. Campinas: Editora Pontes, 2021.

PAVEAU, M.-A. Ce qui s'écrit dans les univers numériques: matières technolangagières et formes technodiscursives. *Itinéraires*, [S.l.], p. 1-24, jan. 2015. DOI: <https://doi.org/10.4000/itineraires.2313>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/itineraires/2313>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PAVEAU, M.-A. Délinéarisation. In: DICTIONNAIRE (DADN). *Technologies discursives L'analyse du discours numérique (ADN)*. [S.l.]: DADN, 2017. Disponível em: <https://technodiscours.hypotheses.org/320>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PAVEAU, M.-A. L'écriture numérique. Standardisation, delinéarisation, augmentation. *Fragmentum*, Santa Maria, n. 48, p. 13-36, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/23296/15104>. Acesso em: 5 mai. 2023.

PAVEAU, M.-A. Technodiscursivités natives sur Twitter: une écologie du discours numérique. *Epistémè: revue internationale de sciences humaines et sociales appliquées*, Séoul, [S.l.], n. 9, p. 139-176, set. 2013. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00859064/document>. Acesso em: 04 maio 2023.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a Nova Retórica*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PINTO, R. Valores e referenciação em discursos midiáticos multimodais. In: VITALE, M. A. et al (Orgs.). *Estudios sobre discurso y argumentación*. Coimbra: Grácio Editor, 2019. p. 281-299.

SILVA, A. A.; BRITO, M. A. P. Referenciação e valores em textos polêmicos. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, v. 1, p. 38-60, 2023.

Recebido em 21/11/2023

Aceito em 06/06/2024

Publicado em 24/11/2024